

Muy querido Aguilera,
Vas leer en alguna parte
de este libro:

"La vida es un
perfecto accidente y fin
solo hace falta señalarlo."
Así es la vida.

Y
16/07/06

León

EN
SAN ANTONIO
Y
SÃO PAULO
OU...

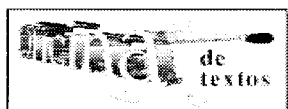
Sergio Muniz, um incansável batalhador cultural, começou em 1953 como um dos responsáveis pela seção brasileira do Festival Internacional de Cinema de São Paulo, passando a assistente de câmera em cinema. A publicidade foi alvo de seus estudos e trabalhos de 59 a 63.

A partir de 64 dedicou-se ao cinema como diretor, produtor e roteirista. Na década de 80 participou dos festivais internacionais de cinema de Viña del Mar, Nyon, Leipzig, Havana, Moscou, Martinica e de escolas de cinema de Karlov-Vary. Trabalhou na elaboração e instalação do projeto da EICTV - Escuela Internacional de Cine y TV - em San Antonio de los Baños, Cuba, e foi seu primeiro diretor-docente de 1986 a 1988. De 89 a 92, foi assessor cultural de Marilena Chauí, então Secretária Municipal de Cultura de São Paulo. Em seguida (93), desenvolveu os projetos Memória

EN
SAN ANTONIO
Y
SÃO PAULO
OU...

sergio muniz

apresentação: Leda Tenório da Motta



© Copyright 1997 Sergio Muniz

Ilustração da capa: Luiz Ventura
Revisão: Paula Cohen e Rena Signer
Diagramação: Flávio Brito

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
(Fundação Biblioteca Nacional)

Muniz, Sergio
En San Antonio y São Paulo ou... - Sergio Muniz. São
Paulo: Oficina de Textos, 1997.

1. Poesia brasileira. I. Título

CDD-869.915

Índices para Catálogo Sistemático:

1. Poesia: Século 20: Literatura brasileira 869.915
2. Século 20: Poesia: Literatura brasileira 869.915

Todos os direitos de publicação reservados à
Oficina de Textos
R. Augusta, 1.371/107
Tel.: (011) 284-1741/Fax: (011) 283-2932
01305-902 - São Paulo

Apresentação

Como ficam “as coisas em si mesmas” se poemas, como dizia Mallarmé, aludindo à distância insuperável entre a linguagem e o mundo, “são feitos com palavras?” Sem resolver o problema, por excelência moderno, com cuja formulação nos brindou, de uma vez por todas, o autor do “lance de dados”, Sergio Muniz se equilibra, o quanto pode, bem no limiar entre as palavras e as coisas, a realidade e o simbólico. E é por isso mesmo que se trata de um bom poeta. Melhor seria dizer, *tout court*, de um poeta.

Perseguido por ditos, frases soltas, expressões - como confessa, rendido à evidência de ser falado, em sua linda auto-apresentação, que a rigor dispensaria qualquer outra - mas povoado também pela própria vivência - entre muitas plagas, basta ver as menções de lugar no final dos poemas, que atravessam uns trinta anos, alguns de chumbo, com uma carga pesada, pois, de realidade - nosso poeta se move assim no espaço da ironia.

O único que resta a quem sabe - e é o seu caso - que as coisas experimentadas, ditas concretas, escapam, de

toda forma. Porque não foram aprisionadas em verso... ou porque foram! Ainda que não se queira, como lemos num dos poemas aqui reunidos, “reduzir a vida a uma frase”. Nem deixar de querer, ao contrário, como lemos num outro, “uma ode com força tanta/ que as palavras fiquem exaustas”.

Entre dois mundos, ou o que Francis Ponge chamava, na trilha de Mallarmé, “dois infinitos”, Sergio Muniz não toma posse, de fato, de sua própria vida, entendida como “perfeito argumento e roteiro”, para citar outro poema, sem esbarrar no sentimento de que “só falta escrevê-los”. Entenda-se que sua matéria acabada, por felicidade, não o é.

Por isso, ele tanto mais quer se manter no nível, por assim dizer, tátil quanto se exacerba em desrealizações de certo humor. Tais que seus tantos anti-fechos de ouro - “com minhas entranhas, minha vida,/ e sem chapéu”; suas variações de língua, o espanhol, o inglês, o francês, o italiano, que intrometem, junto com *words, words, words*, outras sensibilidades, senão vozes em *off* - “no hard feelings, ou melhor, sem bronca”; seus muitos cortes secos nas asas da dignidade poética - “esta tarde, prenúncio da noite-alegria,/ é nossa e ninguém tasca”. Mas, por felicidade também, trata-se de um uso refinado do humor, de algo melhor que o mero efeito derrisório, tão em voga depois que poemas passaram a ser feitos, na tardividade, com palavras. Trata-se em Sergio Muniz de uma espécie de legítimo *spleen*, de humor sombrio, sob controle.

Daí, de ponta a ponta, neste diário - dos anos sessenta e de depois, sem data, em que pese o *gauchismo* romântico do autor, aliás perfeitamente cabível na vertente *gauche* drummondiana - o cômputo de tantas perdas, o gosto de morte do tempo que passa, o viés, enfim, da falta, de par com a leveza. E que leveza! “Não me sinto em regresso/ mas em direção a todas as partes”. Só um verdadeiro poeta, com o senso da ambigüidade que tem de ser o seu, ou a ciência de que “eu é um outro”, para regressar como este, a si mesmo, como quem se volta para a profusão.

Leda Tenório da Motta
São Paulo/ setembro de 1997

En
San Antonio
y
São Paulo
ou...
A Paciente Construção
ou...
Timbiriche, Tocayo y Marabú
(quem quiser saber o significado dessas palavras
que vá bisbilhotar no idioma espanhol-caribenho)

sergio muniz

Introdução

“Um homem não vai menos perdido por andar em linha reta”, diz José Saramago através de um dos seus personagens.

Algumas frases como esta (outras cito mais abaixo) me (des)nortearam e me acompanham - cada qual a seu tempo - pela vida afora, sempre que tentava entender a loucura que, para mim, é o que define a natureza e o ser humano.

Quando falo loucura a estou usando como quase sinônimo de morte, desencontro, desamor, fraquezas e outras tristezas mais, além de todas as formas de loucuras, neuroses & cia. propriamente ditas. Dou de barato: acho fantástico o esforço que fazemos para ter razão, sermos razoáveis e racionais.

Pode ser que as frases possam parecer soltas demais, porém elas, a todo instante em que começo a pensar/escrever um pouco mais disciplinadamente (o que - confesso - não é a norma), se me aparecem de maneira insistente.

Vejam, pois, por exemplo: “mais triste e solitário que um caranguejo num resto de ruína”, dizia um cantor repentista cubano, Justo Vega, pai do cineasta Pastor Vega. Ou, então, “as nossas lágrimas são menos anacrônicas que as lágrimas da América Latina em geral”, ponderava Julio Garcia Espinosa, cineasta cubano, ao comentar as dificuldades pelas quais seu país atravessa. Tampouco esqueço o texto de um cartaz de rua em Havana, onde estava escrito: “as idéias chegam mais longe que a luz”, bem como uma frase de José Martí,

ouvida num programa de rádio: “os grandes direitos não se conquistam com lágrimas mas sim com sangue”. Também me encantam certas redescobertas, principalmente a partir do cancionero popular ou dos ditados populares, o que freqüentemente fazia minha falecida esposa e companheira Amazonas, as quais me davam um ânimo mais alegre para certos embates do cotidiano. Uma dessa redescobertas era o do refrão de uma música de carnaval (a qual eu havia totalmente esquecido) e que é mais ou menos assim:

*“Segura meu bem,
segura na mão,
não deixes partir o cordão.
Eu pego na sua cintura,
os trouxas que peguem na mão”.*

Lembro também das expressões “cansei de ser a consciência irritada do mundo” e “no me vengas com manoteo”, além desta pescada na última agenda de Amazonas (mas não a última frase que sempre se insinua):

*“de noite
que lua!
meu bem
prá quê?”*

Isso sem falar em palavras soltas ou palavras/expressões que já me levam para outro diapasão, como se não fosse possível terem sido inventadas outras para indicar o que elas sugerem não tendo pois sinônimo aceitável como, por exemplo, “lusco-fusco” (muito melhor que “entre chien et loup”, não?) ou outras mencionadas neste texto ou no subtítulo.

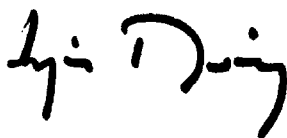
A precária seleção original minha não obedeceu a nenhuma cronologia e nem procurou quais os temas mais recorrentes. Uma primeira escolha foi feita - literalmente - a partir da maneira desordenada que fui produzindo/revedo/amontoando os textos numa pasta.

Em seguida, a generosidade da leitura de uma pessoa amiga me permitiu uma primeira seleção mais rigorosa: são os poemas da página VI a XXXVI. Posteriormente,

tomei mais coragem e acrescentei não só os poemas que seriam os de uma segunda escolha da primeira seleção acima referida como também outros escritos após essa mesma primeira seleção, bem como inclui outros terminados mais recentemente.

Aliás, vieram dessa leitura amiga duas observações: a primeira, que resultou no primeiro subtítulo “a paciente construção”, uma vez que a produção abrangia mais de 30 anos de escritos; a segunda, que a dedicatória de alguns poemas faz parte integrante do texto dos poemas em si.

Talvez essas frases e/ou palavras/expressões (às vezes podem parecer frases feitas ou palavras soltas: para mim são mais verdadeiros achados para tentar olhar a vida menos atravessado) e as desordenadas divagações que fiz anteriormente ajudam a encontrar uma louca (in)coerência nos poemas que se seguem a esta introdução canhestra.



SERGIO Aurelio de Oliveira MUNIZ
set./97

Notas:

1. Os poemas marcados por um asterisco (*) receberam uma menção honrosa do Instituto Internacional de Poesia, Porto Alegre/RS - 1990;
2. o poema marcado por dois asteriscos (**) foi publicado no suplemento literário de *O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP - 11/jul./1964

antes de mais nada,
a manhã.
enquanto uma punhalada de luz
não rasga a janela
uma penumbra de sexo
te revela.
quanta surpresa,
a espera de ser dia.
e quando o sol - sem-vergonha -
eroticamente ousa envolver-te,
me escondo em tua sombra,
feita a imagem de mel e despudor.
esta tarde, prenúncio da noite-alegria,
é nossa e ninguém tasca.

são paulo, nov./93

somos feitos de oceanos,
não de barcos.
as palavras são os barcos
que nos singram,
nos sangram,
nos sentem.

san antonio de los baños, out./87

um farrapo de noite
grudou-se
num resto de olhar
transformando a sobra das cores
no lixo do dia.

san antonio de los baños, jun./88

*para Othon Bastos,
pela sua generosa amizade. (*)*

inútil varrer
sonhos e loucuras
para debaixo do tapete.
suas ferozes silhuetas
disfarçadas ou inteiras
reaparecem
numa voz inesperada
em um tropeço de folha
num cristal nu
na manhã farta
nos sabores atávicos
na palavra sem lavra
nas vielas desapercibidas
numa lembrança inesperada.
etcoetera e tal.

san antonio de los baños, jun./87

*para Maurício Segall,
amigo sempre presente.*

a velha cadeira
não mais veste a roupa
meninamente nela jogada.
o novo cenário não faz por disfarçar
o tempo
encaneçidamente plantado.
resta a mistura das lembranças,
presença conservada
pelo garimpo-idioma
onde bateio palavras
à-toa.

san antonio de los baños, out./87

a pedra
partida,
revelando sua aptidão de muralha.
o barro
expondo-se na primeira cuia.
a madeira
na sua prosaica resistência
de brasa ou tacape
insistindo em sua vegetal imagem.
o metal
purificado ao sopro
dos descobertos segredos da rocha
agora seta.
e o vidro
na sua crítica tensão
de cristal imemoriado.
finalmente
- e antes de tudo -
a mão
a todos tocando
com seu (im)previsto gesto
neles criando
e deles retirando
o excesso criado pela natureza.

san antonio de los baños, abr./87

da Teoria e da Prática Cinematográfica e Análise de Exercícios Cinematográficos para a Secretaria de Estado da Cultura do Estado de São Paulo (gestão Ricardo Ohtake), junto ao MIS/SP.

Atualmente, é consultor para a área de cinema no Memorial da América Latina. Paralelamente a todas essas atividades, escreveu e publicou inúmeros artigos e poemas, realizou filmes, ganhou prêmios e ainda encontrou tempo para a atividade docente. É claro que este espaço é insuficiente para dizer do batalhador. Os poemas dirão mais.